

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais

MARIA CECÍLIA FALCÃO DE MENEZES

**A LONGEVIDADE EM QUESTÃO: A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DA FIGURA
DO IDOSO APOSENTADO**

Guarulhos

2018

MARIA CECÍLIA FALCÃO DE MENEZES

**A LONGEVIDADE EM QUESTÃO: A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DA FIGURA
DO IDOSO APOSENTADO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do grau em Bacharel em
Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Doutor Mauro Luiz
Rovai**

Guarulhos

2018

MARIA CECÍLIA FALCÃO DE MENEZES

A LONGEVIDADE EM QUESTÃO: A CONSTRUÇÃO SOCIOLOGICA DA FIGURA DO IDOSO APOSENTADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Doutor Mauro Luiz Rovai

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Data:

Prof.

Data:

AGRADECIMENTOS

Dedico à Deus,
Que me capacitou em todos os momentos.

Aos meus pais (in memoriam),
Por todos os ensinamentos.

Ao meu esposo,
Que sempre esteve ao meu lado.

Aos meus filhos, genros e nora,
Por compreenderem minha ausência em família.

Às minhas netas Carolina, Julia, Letícia, Lorena e Larissa,
Amores da minha vida.

Aos amigos,
Por cada ajuda e cada abraço recebido.

À Mariana,
Que me incentivou em todos os momentos.

À Bianca,
Pelo apoio e carinho no final da jornada.

E ao Professor Mauro,
Toda a minha gratidão por estender sua mão e me orientar neste momento precioso da graduação. Ficarei eternamente grata!

Não sei...

Se a vida é curta

Ou longa demais para nós.

Mas sei que nada do que vivemos

Tem sentido,

Se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,

Braço que envolve,

Palavra que conforta,

Silêncio que respeita, alegria que contagia,

Lágrima que corre,

Olhar que sacia,

Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:

É o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

Não seja nem curta,

Nem longa demais,

Mas que seja intensa,

Verdadeira e pura...

Enquanto durar.

(Cora Coralina)

RESUMO

A proposta desta pesquisa é estudar alguns dos inúmeros desafios enfrentados pelas pessoas idosas ao longo da vida, seja em virtude de alterações físicas e mentais decorrentes do envelhecimento, seja em razão das modificações de fundo histórico, econômico e político das sociedades em que vivem. Para isso, além de passarmos pela literatura a respeito do idoso e da aposentadoria, analisaremos um filme que, embora italiano, ambientado logo após a Segunda Grande Guerra, é mundialmente citado quando se faz referência ao idoso, pobre e aposentado, o que o torna significativo para os nossos propósitos: *Umberto D*, dirigido por Vittorio de Sica em 1952.

Palavras-chave: idoso; sociologia; análise de filme; Umberto D.

ABSTRACT

The proposal of this research is study some of numerous challenges that elderly people face over the life, due to physical and mental changes caused by ageing, due to the changes of the historical background, economic and political of societies in which they live. To that, besides going through certain literature about the elderly and retirement, we are going to analyse a movie that although Italian, set after the World War II, is internationally recognized in reference to elderly, poor and retired people, wich come back significant to our purpose: Umberto D, direct by Vittorio de Sica in 1952.

Keywords: elderly people; sociology; film analysis; Umberto D.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. A Respeito da Categoria “Idoso”: Primeiras Aproximações	11
2.1. O Estatuto do Idoso e a concretização de um sonho	12
2.2. A Previdência Social e seu sistema deficitário.....	14
2.3. O cenário do pós-guerra na Itália: um pouco a respeito da história.....	16
2.4. Longevidade em busca de um novo horizonte	17
2.5. A nossa ferramenta conceitual	21
3. A Comovente Situação dos Idosos no Clássico Italiano.....	25
3.1. Trajetória neo-realista na Itália	26
3.2. A importante contribuição de Pierre Sorlin	28
3.3. O impacto das primeiras cenas	30
3.4. O segundo grande conflito mundial	31
3.5. Dificuldades de um senhor aposentado	33
3.6. Cenas de suspense e o emocionante final	36
3.7. O exercício da decupagem.....	37
3.8. Descrição das cenas mais importantes.....	38
4. Considerações finais: A Arte do Cinema e sua Contribuição	41
5. Bibliografia.....	45
5.1. Bibliografia Digital	45
5.2. Filmografia.....	46

1. Introdução

Questionar a sociedade que elabora desafios às pessoas com mais de sessenta anos de idade e que subsistem às mudanças sociais será a proposta desta pesquisa. Através de uma série de observações encontradas a partir da análise do filme *Umberto D.* (Vittorio de Sica, 1952), ambientado no pós-guerra italiano, buscaremos apresentar alguns aspectos que evidenciam o descaso da sociedade em relação à população idosa. Várias reflexões sobre a vida dessas pessoas que, na situação de aposentadas, encontram-se afastadas do mundo do trabalho, serão relacionadas com as dificuldades impostas pelo modo como as sociedades estão organizadas e geram suas riquezas.

Ciente de que o cinema através de sua arte coloca em ação um conjunto de elementos visuais e sonoros que, se analisados com a metodologia adequada, permite a compreensão de alguns problemas contemporâneos, buscaremos analisar as informações relativas à situação social retratada no filme.

Em vista da construção abordada na trama exibida pensamos em elaborar um raciocínio sobre a evolução das relações sociais que determinam o futuro das pessoas com mais de sessenta anos de idade. E, apesar de compreender que os relacionamentos nem sempre são transparentes como se apresentam, os aspectos que inviabilizam a sobrevivência digna do idoso na sociedade são considerados como uma questão passível de ser atenuada.

Segundo dados apresentados pelas estatísticas sobre o crescimento populacional, constatamos que um dos aspectos marcantes é a longevidade. Nesta pesquisa, a questão a ser ponderada se refere ao amparo que deve ser atribuído aos idosos em situação de instabilidade familiar e financeira. Dessa forma, simplesmente usar o filme para ilustrar que a população de idosos cresce sem as condições de infraestrutura necessárias seria ignorar a importância do nosso papel enquanto cientista social. A função das ciências sociais, ao formular a sua questão, é, não apenas dialogar com a bibliografia, mas, sobretudo, utilizar um método que lhe permita fazer as análises sociológicas.

Assim, serão abordadas as questões relativas aos padrões estabelecidos pelas sociedades modernas em relação à idade que é atribuída aos idosos e o interesse do Estado em lhes conferir atributos de cidadania. Em sociedades que a maior parte dos cidadãos possui baixa renda é comum que os mais velhos se encontrem na dependência da aposentadoria. Muitos desses passam por decadência financeira ao se aposentar e, de modo geral, a discriminação ao idoso no mercado de trabalho representa um fator importante. Conseqüentemente, resta para esta parcela da população, além da diminuição natural de sua capacidade biológica, o prejuízo no convívio social, a dificuldade financeira e o comprometimento da saúde psíquica.

A maior prevalência de doenças crônicas, diminuição da mobilidade física, custo de medicação e terapia de reabilitação oneram o custo de vida desta parcela da população. Muitas vezes, somando a necessidade de dar sustento a filhos e netos, não mais no papel de chefe de família, mas como única fonte de renda, o valor da aposentadoria torna-se irrisório.

A consolidação do Estatuto do Idoso trouxe consigo a possibilidade de que novas conquistas pudessem ser alcançadas. Presenciamos a regulamentação dos direitos a esses cidadãos com idade acima de sessenta anos, assim como o favorecimento de questões nunca antes ponderadas. Porém, também deve ser ressaltado que medidas protecionistas do Estado, como medicação gratuita no Sistema Único de Saúde ou transporte coletivo, amenizam a situação, sem, contudo, garantir um futuro digno em muitos casos. E, nesse sentido, o que presenciamos atualmente é que as questões previdenciárias, em concordância com o envelhecimento da população e a parcela economicamente ativa diminuindo, os *déficits* no setor só aumentam, acarretando um grande problema previdenciário.

Por conseguinte, relativizar a situação das pessoas que sacrificaram sua juventude em prol do desenvolvimento capitalista como mera adversidade, assim como, concordar que sejam obrigadas a aceitar resignadamente as possibilidades de sobrevivência, será a questão debatida nesta pesquisa. A falta de perspectivas será substituída pelo reaproveitamento dessa classe rejeitada pela sociedade. A prática e os conhecimentos adquiridos poderão ser mais bem conceituados se, de uma vez por todas, aprendermos a valorizar a dignidade dessas pessoas.

A inversão de valores faz com que seja verificada a perda de poder do idoso diante de sua família e da sociedade. Resgatar a vitalidade dessas pessoas que tanto produziram é um desafio apresentado à sociedade diariamente. O preconceito que lhes é atribuído deve ser substituído pela adaptação em atividades produtivas, compatíveis com a perda natural da força motora e cognitiva, em que não haja mais a necessidade de competitividade profissional.

Sendo assim, o trabalho passará a ter outra significação na vida dos idosos. Esta nova atribuição representará um fator determinante para a sua sobrevivência com o intuito de preservar sua saúde física e mental. Pois, de acordo com essa nova perspectiva os ganhos alcançados trarão benefícios não só para si, como também para sua família e para a sociedade. Além do mais, poderá representar uma alternativa para o governo que, mais cedo ou mais tarde, haverá de reformular a Previdência Social que não comporta mais tantas despesas orçamentárias.

Em vista disso, este trabalho de conclusão de curso está dividido, além da Introdução e Considerações Finais, em dois capítulos intitulados: “A respeito da categoria “idoso”: primeiras aproximações” e “A comovente situação dos idosos no clássico italiano”, onde desenvolvemos as análises e o questionamento condizente com a nossa questão sobre as pessoas com mais de sessenta anos de idade. A historicidade sobre a perda de seu poder, a promulgação do Estatuto do Idoso que estabeleceu os direitos e a regulamentação da aposentadoria através da Previdência Social foram abordados. Em seguida, considerações sobre a vida dos aposentados, aspectos sobre a longevidade e o nosso posicionamento sobre a reinserção dos idosos no mercado de trabalho foram complementados com a definição sociológica encontrada em Max Weber. Porém, o remate significativo foi a análise do filme *Umberto D*, que apresentou o descaso da sociedade e nos deu a possibilidade de fazermos uma reflexão atribuindo consideração e responsabilidade para quem já viveu muitos anos de vida.

2. A Respeito da Categoria “Idoso”: Primeiras Aproximações

Neste capítulo, analisaremos a perda de poder do idoso, onde fatores como a industrialização e a modernização acabaram retirando desse ator social o reconhecimento obtido durante os anos de trabalho, transformando-o num aposentado considerado não mais apto à produção, aspecto que vem acontecendo gradativamente.

Até 1960, o Brasil era majoritariamente agrário e no campo encontrava-se o grande percentual da população brasileira. A modernização do país transformou sociologicamente a vida do idoso. Observou-se que através da nova oferta de empregos e da inclusão feminina no mercado de trabalho, a estrutura da sociedade foi sendo modificada. Incluíram-se a esses fatores, o crescimento populacional e, principalmente, o aumento do número de cidades. Outro fator importante foi o surgimento da família conjugal moderna, que veio substituir a família nuclear. O idoso que se encontrava inserido na família tradicional tornou-se impotente diante de tantas perdas, inclusive por não ser mais o único provedor que possuía o devido respeito.

A família não repousa mais num território, e o idoso de hoje é aquele que, nos anos 60, vendeu a propriedade dos pais, assalariou-se e, agora, vive de aposentadoria. Não tem, portanto, a fonte de poder que era dada no passado pela posse do sítio, da fazenda ou da casa conjugada, à farmácia, à loja de tecidos, à fábrica de sabão ou de guarda-chuvas (WHITAKER, 2007, p.58).

Como podemos perceber na citação acima, a aposentadoria está relacionada a uma série de mudanças, inclusive em termos de apoio, ou segurança, no que diz respeito ao trabalhador que se aposenta, no que tange não só ao tempo de vida, mas também ao espaço que ele ocupa. O êxodo rural foi acelerado em decorrência da industrialização, trazendo para as cidades uma grande parte da população rural em busca de empregos e de uma nova expectativa de vida. Dessa forma, trocaram seu pedaço de terra por espaços reduzidos onde, pouco a pouco, foram perdendo sua base de poder. A hostilidade do novo espaço urbano com seus consequentes modernismos e a perda do respeito foi apreendida de forma significativa.

Por quase três décadas a posição do idoso dentro da família e da sociedade foi sendo alterada de acordo com o processo de industrialização e de urbanização. A nova estrutura de empregos que separou a moradia do local onde iria exercer sua atividade profissional desenvolveu nesse ator social um processo de perda da atividade produtiva e o conseqüente envelhecimento. Diante da hostilidade que aos poucos se configurava, a sociedade e o Estado, baseados na ideologia de que essa classe social não mais necessitaria receber uma remuneração relativa ao valor que antes recebia quando era ativa, deram início ao processo de idealização de pensões e aposentadorias.

2.1. O Estatuto do Idoso e a concretização de um sonho

Sem dúvida, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, inseriu questões relativas ao envelhecimento da população e consolidou este instrumento em defesa da cidadania das pessoas com mais de sessenta anos de idade. Convém citar que, a partir de 1994, um trabalho voltado em defesa dos direitos dos idosos fez com que profissionais na área da saúde, direitos humanos e assistência social começassem a pensar em uma política nacional que assegurasse direitos sociais a essa classe. Através da Lei nº 8842/94, que passou a fazer parte da Política Nacional dos Idosos, novos projetos e leis foram criados para estabelecer e regulamentar essas novas conquistas. Em seguida, a iniciativa do Projeto de Lei nº 3561 de 1997, de autoria do Deputado Federal Paulo Paim, foi o resultado de uma mobilização de aposentados, pensionistas e idosos vinculados à Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas que, organizados, reivindicaram a formalização de seus direitos.

Foram necessários mais de seis anos de trâmites e debates entre a Câmara dos Deputados e representantes da sociedade para que o Estatuto do Idoso finalmente fosse promulgado. Em 1 de outubro de 2003, a Lei nº 10.741/2003 foi sancionada pelo então Presidente da República Sr. Luiz Inácio Lula da Silva¹.

¹Disponível em: www.planalto.gov.br Acessado em: 08/11/2017

A homologação do Estatuto do Idoso contém a citação do Título I que trata das Disposições Preliminares - e, indubitavelmente, é relevante citá-la na realização deste estudo:

Art.1º: É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art.2º: O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que se trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por todos os meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art.3º: É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público de assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto do Idoso)².

Se o Artigo 3º do Estatuto do Idoso estabelece a obrigatoriedade da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar direitos, significa a necessidade de que, não só a família, mas que todas as instituições devam por lei zelar e amparar, assim como prover o bem-estar das pessoas idosas. Entretanto, mesmo que o Estatuto do Idoso venha representar uma grande contribuição para que importantes mudanças possam recuperar um pouco da dignidade dos idosos, programas especiais de atendimento demonstram que a realidade desse grupo ainda é delicada.

(...) Ah! Se fosse possível elaborar políticas públicas para a velhice, consultando as crianças, acho que essa quadra da existência seria menos triste. Os idosos das camadas exploradas da sociedade jamais sofreriam a falta de conforto, de remédio, de frutas, que caracteriza suas vidas. Se envelhecer custa caro, basta parar e refletir sobre o sofrimento da velhice para os mais pobres. É tão óbvio e, mesmo assim, o Estado nada mais faz do que ignorar essa

² Disponível em: <www.planalto.gov.br/L10.741.htm> Acessado em: 08/11/2017

obviedade, como se os não-idosos nada tivessem a ver com tudo isso. (WHITAKER, 2007, p.26)

Apesar do Estatuto do Idoso ter se preocupado com garantias de prioridade, direitos fundamentais, medidas de proteção, política de atendimento ao idoso, acesso à justiça e de outras disposições finais e transitórias, o que realmente ocorre é a inoperância da prática desses artigos. Não apenas aqui no Brasil como em vários outros países, a sociedade e as instituições governamentais ignoram os direitos assegurados às pessoas mais velhas. A partir desse questionamento, considerar que os benefícios atribuídos aos idosos pelo Estatuto representam uma utopia não ajudará em nada na solução do problema. O que se constata é o descrédito dado a essas pessoas desde o século passado. A falta de reconhecimento da competência das pessoas que se aposentam e que dependem de sua aposentadoria é um fato, e essa questão deveria ser problematizada com mais rigor.

2.2. A Previdência Social e seu sistema deficitário

Ponderar sobre o avanço relativo à regulamentação desses propósitos faz com que também se reflita sobre as necessidades inerentes ao amparo das pessoas idosas e se as mesmas são supridas. Posto que a sobrevivência material seja sem dúvida um fator importante para qualquer cidadão, há de se convir que, quem dedicou a maior parte da sua vida exercendo uma atividade profissional ou permaneceu trabalhando no campo adquiriu, através da Constituição Federal, o direito de receber o rendimento referente à aposentadoria.

O Capítulo VII do Estatuto do Idoso sobre a Previdência Social assegura benefícios de aposentadoria e pensão conforme os critérios de cálculo que preservem o valor real dos salários referentes à contribuição feita pelo trabalhador. E o valor dos benefícios deve ser corrigido de acordo com o reajuste do salário mínimo.

Parágrafo único. Os valores dos benefícios em manutenção serão reajustados na mesma data de reajuste do salário mínimo, pro rata, de acordo com suas respectivas datas de início ou do seu último reajustamento, com base no percentual definido em regulamento, observados os critérios estabelecidos pela Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. (Estatuto do Idoso)³

Definida a regulamentação relativa à aposentadoria e sendo ela executada de acordo com seus tramites, o que ainda se observa é uma grande parte da população aposentada reivindicando ajuda não só do governo, mas de toda a sociedade para que se torne possível manter ou reforçar seu orçamento. As necessidades e a insegurança política e social fazem com que as pessoas que se encontram aposentadas continuem trabalhando para manter o mesmo padrão de vida ou sobreviver dignamente.

Pesquisas realizadas pelo IPEA mostraram relativas mudanças quanto à participação das pessoas com idade avançada no mercado de trabalho (Camarano, 1999). E, a partir dos estudos do final da década de 90, foi verificada a participação feminina, assim como uma tendência mundial em relação à volta desse contingente idoso para as atividades profissionais.

Um ponto que ficou claro é que a proporção de idosos na PEA brasileira é crescente, e tende a crescer cada vez mais. Considerando que a tecnificação do processo de produção requer cada vez menos mão-de-obra para desempenhar atividades que demandam força física e, por outro lado, passam a requerer mão cada vez mais qualificada, pode-se esperar um aumento na absorção de mão-de-obra idosa. (CAMARANO, 1999, p. 69).

Essas observações representam uma grande expectativa para essas pessoas que necessitam reingressar em qualquer tipo de atividade remunerada. Pois, se a modernização e a industrialização ceifaram suas forças e ideais, a probabilidade de um recomeço significa enxergar uma solução para conseguir acompanhar e até mesmo superar os obstáculos que o capitalismo impõe.

³ Estatuto do Idoso. – <www.planalto.gov.br/L10.741.htm> Acessado em: 08/11/2017

Porém, essa questão apresentada pelo IPEA ainda não representa a solução ideal para esse contingente de pessoas necessitadas. A tecnificação veio suprir a mão de obra trabalhadora, porém, as pessoas com mais de sessenta anos que vieram do campo e sofreram para se adaptar na cidade grande não se encontram enquadradas nesse novo perfil empregatício, já que a grande maioria possui baixo nível de escolaridade e poucos tiveram oportunidade de adquirir aprendizado técnico no setor em que desempenhavam suas funções.

2.3. O cenário do pós-guerra na Itália: um pouco a respeito da história

Quando retornamos ao questionamento dos aposentados daquele período do pós-guerra verificamos que a situação era ainda mais delicada. Na Itália, mais precisamente na década de 50, grande parte da força de trabalho havia sido dizimada nas duas guerras mundiais. Nessa ocasião, a Itália havia perdido a guerra para o bloco liderado pelos Estados Unidos e presenciou o conseqüente declínio e execução do seu ditador fascista Benito Mussolini. O caos e a destruição em que se encontravam deu lugar ao desenvolvimento do progresso, visto que não era considerado um país subdesenvolvido.

Os governos do período seguinte ao pós-guerra foram forçados a alcançar um grau maior de abertura econômica, seja pelo fato de haver exigências de blocos políticos aliados que requeriam tal abertura, seja porque perceberam que o aumento da exportação se mostrava como única saída para o renascimento do país. (DUAIBS, 2016, p.8).

De acordo com as novas exigências e o ímpeto de competitividade, a Itália transpôs as dificuldades e atingiu considerável desenvolvimento econômico. Para alcançar o grande contingente produtivo de que necessitava passou a contratar mão de obra a baixo custo. Nesse sentido, verificadas todas as manobras políticas adotadas, pode-se concluir que a prosperidade dos anos seguintes não conseguiu amenizar as desigualdades econômicas e sociais que existiam nas diversas regiões da Itália.

Mencionamos a Itália em virtude do filme que foi o alicerce deste estudo acadêmico. Antes disso, porém, passaremos por algumas questões que nos parecem importantes como a ferramenta teórica que utilizamos e a maneira como, em largas pinceladas, os idosos são considerados pela sociedade e pelo Estado.

2.4. Longevidade em busca de um novo horizonte

Os problemas referentes à luta pela superação desses atores sociais serão apresentados assim como argumentos condizentes às necessidades dos mesmos. Afinal, apesar de termos a convicção de que os idosos sofrem com a privação de sua saúde, que suas funções biológicas são afetadas, acarretando dependência física e emocional, tentaremos compreender tal situação a partir de uma leitura criteriosa que nos permite problematizar o modo como esses indivíduos são considerados pela sociedade e pelo Estado.

Habitualmente, as pessoas mais velhas são categorizadas através de seus atributos. Costuma-se relativizar o ambiente social em que elas vivem, assim como o convívio social a que pertencem, encontrando-se ou não em contato familiar. A identidade social desses indivíduos com mais idade atribui expectativas normativas, em que um critério rigoroso cria regras e preconceitos negando-lhes o caráter absoluto e independente. Tais preconceitos muitas vezes orientam o modo como percebemos esse grupo de cidadãos, sobre o qual pesa uma série de frustrações pessoais decorrentes de seu afastamento do mundo do trabalho. Em decorrência dessa situação, e levando em conta a importância que o mundo do trabalho ocupa na sociedade, a identidade dessas pessoas corre o risco de ser enfraquecida na medida em que se sentem afastadas da sociedade, como também afastadas de si mesmas. Desacreditadas diante de um mundo que passou a se tornar incompreensível e não mais acolhedor, o sentimento de alienação ao qual são empurradas poderia ser diferente se as suas capacidades (e não apenas aquelas voltadas para o aumento de produtividade) fossem reconhecidas.

Considerando que na maioria dos países do mundo o processo de envelhecimento e o aumento da longevidade populacional é um fato concreto, os idosos, apesar de seus problemas socioeconômicos, a partir do século passado passaram a ter uma sobrevida maior. Segundo Silva (1999):

O aumento da população idosa assume cada vez mais relevância porque já supera o aumento da população total. Projeções feitas até o próximo ano apontam para uma redução no ritmo de segmento populacional até 2010, voltando a apresentar níveis elevados de crescimento entre 2010 e 2020. Nessa ocasião estima-se que 1, em cada 13 brasileiros terá 65 anos ou mais. (SILVA, 1999, p. IX).

Atualmente a ONU⁴ apresenta estimativas de que a população de pessoas com mais de sessenta anos atingirá o patamar três vezes maior até 2050. Essa observação comprova que o envelhecimento da população na ordem de 893 milhões de pessoas até meados deste século atingirá o patamar de 2,4 bilhões. Em entrevista ao G1⁵, portal de notícias da Globo, José Alberto Magno de Carvalho, em 2011, pesquisador em demografia, referiu-se ao fato de que a marca de 7 bilhões de pessoas no mundo é bem menor que a estimativa preconcebida de 15 bilhões. Nesse sentido, desconsiderando uma explosão demográfica mundial, passou-se a admitir que a população cresce bem menos do que no passado, já que a população de idosos aumenta e a necessidade de procriação de novos partícipes certamente é preocupante. No Brasil e em outros países do terceiro mundo, como na China e na Índia, a fecundidade está diminuindo e com isso surge a necessidade de pensar na sustentabilidade do mundo que apresentará um número significativo menor de pessoas em idade produtiva.

Diante dos dados apresentados, surge o questionamento sobre como é estabelecido o parâmetro de idade quando o mesmo se refere ao indivíduo idoso. Segundo a ONU, em diferentes países desenvolvidos a idade limite é de 65 anos e para países em desenvolvimento, como no caso do Brasil, a idade diminui para 60 anos. Esse critério cronológico é definido a partir do significado dado à idade

⁴ Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA/ONU: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unfa>> Acessado em: 03/03/2018

⁵ BUARQUE, Daniel. "Envelhecimento da população mundial preocupa pesquisadores" in G1, 29/10/2011. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/envelhecimento-da-populacao-mundial-preocupa-pesquisadores.html>> Acessado em: 07/11/2018

biológica das pessoas, assim como a avaliação sobre as características biológicas, sociais, culturais e psicológicas que lhes são atribuídas durante a sua vida.

Dessa forma, compreende-se que em cada grupo social que possui culturas diferenciadas essa idade é definida de forma individualizada. Cada uma delas apresenta o seu processo biológico definido culturalmente, em que são estabelecidas grades de idade de acordo com a periodização da vida. Diante dessa definição, pode-se afirmar que a idade cronológica não representa o que significa o início da velhice. Ela serve apenas como uma referência, um parâmetro de acordo com a condição social e cultural que foi construída ao longo da vida desses indivíduos.

Nas últimas décadas, novos padrões foram adotados pelas sociedades modernas elevando o nível de vida dessa população que antes era considerada inválida e incapaz. Conhecimentos básicos sobre o surgimento das diferentes etapas da vida devem ser especificados, para que seja possível compreender como elas surgiram e como foram superadas. A noção de idade expressa em números e anos foi uma determinação elaborada por algumas sociedades, isto é, não representou um dado natural, foi criada provavelmente no sentido de suprir algum tipo de interesse ou demanda destas comunidades. Por exemplo, na Idade Média, a infância praticamente não existia:

Na França medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto; assim que obtivessem capacidade física, elas participavam integralmente do mundo do trabalho e da vida social adulta. A sensibilidade em relação à infância e o modo como hoje é tratada essa etapa da vida são fruto de um longo processo que só adquire a configuração contemporânea no século XIX. (LOPES, 2010, p.24)

A infância aos poucos foi sendo construída e as crianças deixaram de participar do trabalho adulto. A modernidade presenteou-as com essa liberdade e os adultos, por sua vez, foram adquirindo maturidade psicológica através dos direitos e deveres que todo convívio social impõe.

Seguindo essa perspectiva, a construção das “classes etárias” foi se configurando conforme as necessidades sociais e as populações foram sendo classificadas de acordo com o decorrer da vida. Surgiu então a categoria etária

denominada “velhice”, como uma etapa da vida que possui aspectos particulares: biológicos, psíquicos, culturais e históricos. Conseqüentemente o conceito idoso, terceira idade e outras nomenclaturas foram construídas socialmente como resultado de noções e valores apontados por determinadas conjunturas sociais e históricas.

Essa definição começou a ser considerada a partir da necessidade e o interesse de introduzir nessa população atributos de cidadania para uma melhor participação política e social. Tendo garantido o caráter de ator público social, a noção de terceira idade aos poucos foi se desvinculando da concepção de incapacidade para que fosse possível atribuir ao idoso oportunidade de acesso à cultura, esporte, consumo e ao lazer.

Esses novos sentidos dirigidos à velhice, que procuram subdividir essa fase e extrair dela uma categoria cronológica intermediária, colocam-se mais adiante da questão do aumento da expectativa de vida da população. A invenção da terceira idade foi possível graças à forte incitação econômica gerada no mercado capitalista frente ao potencial de consumo dessa população (DEBERT, 2004, p.19).

A sociedade em si representa um sistema de interações humanas que culturalmente são padronizadas através de instituições, valores e normas visando o bem-estar da coletividade. Para que o idoso consiga ser nela inserido haverá de sofrer as imposições que a ele são conferidas, mesmo que sinta dificuldades para expressar sua capacidade diante do dinamismo que o capitalismo impõe. É nessa fase ímpar da vida, na qual muitos idosos não mais possuem a estabilidade física, psicológica, familiar e financeira que por tantos anos conseguiram manter, que surge a aposentadoria, no sentido de amenizar as necessidades e o cotidiano desses cidadãos.

A realidade mostra que a renda da aposentadoria não mantém o antigo padrão de vida e nem mesmo o sustento das pessoas. Diante dessas atribuições, como se não bastasse o prejulgamento alusivo ao envelhecimento, o idoso passou a ser pejorativamente mal conceituado por representar mais um aposentado na esfera social.

No Brasil, e em diversos países do mundo, atua um sistema econômico que valoriza a juventude para suprir as exigências do mercado, dificultando o regresso dos idosos aos postos de trabalho. É ignorada a experiência adquirida ao longo da vida, não sendo oferecidas oportunidades iguais para todos. Somente os que tiveram melhores chances competitivas serão inseridos no mercado. Essa concorrência desvaloriza a experiência dos trabalhadores, que poderia ser transmitida aos mais jovens. Nas palavras de França (1999),

O redimensionamento de pessoal poderia ser uma solução. Esta ação deveria ocorrer em função das atribuições dos trabalhadores mais velhos, de seus interesses e das metas da empresa e deveria ser complementada por um programa de atualizações de conhecimentos tecnológicos. Os mais velhos poderiam ser estimulados a delegar suas tarefas de rotina para os que estão iniciando na empresa, ficando mais disponíveis para a transferência de informações e para execução de tarefas que requerem maior experiência. (FRANÇA L., 1999, p.14).

Essa possibilidade viabilizaria a solução de muitas famílias que dependem do orçamento dos mais velhos para conseguir ser manter. Porém, somente algumas empresas voltadas à inclusão do idoso no mercado de trabalho se beneficiam com a qualidade e competência desse novo tipo de funcionário. No entanto, não apenas o aspecto contábil deve ser levado em consideração, pois o sentimento de “útil” e pertencimento também teriam impacto, como apontamos antes, na sua identidade como pessoa idosa.

2.5. A nossa ferramenta conceitual

O problema apontado acima nos leva à discussão sociológica sobre a questão do abandono sofrido por este ator social: o idoso aposentado. A maneira pela qual a sociedade age diante desses indivíduos menos capacitados é um fato social e cultural que deve ser explicitado. Na convivência social pode-se encontrar uma interpretação sobre como se manifestam os anseios dos partícipes sociais em relação a essa questão definida e também com outras que são invariavelmente

apresentadas. Quando se evidenciam ideais objetivos e subjetivos, os mesmos devem ser questionados para que uma realidade dada possa vir a ser modificada.

Em Max Weber (2012) é encontrada a definição para os questionamentos a respeito do conceito de sentido e do caráter subjetivo que pode ser atribuído a qualquer tipo de ação social. A maneira como a família e a sociedade devem atuar em relação às pessoas idosas possui um caráter significativo. Em *Umberto D.*, constatamos a realidade objetiva da natureza humana em que a vida se resume no propósito nascer, crescer, produzir e pararmos de produzir até que ela mesma, a natureza, se apiede de nós. O problema não se resumiria simplesmente em compreender a maneira pela qual as pessoas são condicionadas a dar significação a sua vida de acordo com que a sociedade lhe impõe, mas sim sobre o modo como as pessoas são obrigadas a usufruir seus dias com o que lhes é imposto, como uma referência objetiva de vida. A questão que encontrei neste autor foi justamente retirar esse sentido objetivamente dado. O conjunto de regras e normas atribuídas aos partícipes da sociedade que regulamentam suas relações sociais através desse sentido objetivamente dado deve ser substituído por uma dimensão maior, subjetiva, que significará a realização de seus mais significativos interesses.

Nesse sentido, Weber (2012) nos apresenta uma distinção essencial sobre o sentido objetivo e o subjetivo-intencional relativo ao comportamento dos indivíduos em sociedade. Segundo ele, toda ação social é orientada pelo sentido objetivo, porém, tradicionalmente somos levados a nos acomodar segundo nossos hábitos e costumes. Orientamos nossas ações conforme o que a sociedade espera e exige do nosso comportamento. Esse é o estado compreensível das circunstâncias que serve de parâmetro para o funcionamento dos objetivos visados, em conjunto com a participação de outros componentes da sociedade. O indivíduo, dispondo de ações e intenções, necessariamente é absorvido pelo processo sociológico. E, dentro do contexto sociológico em que são manifestadas ações conjuntas ou contrárias entre os atores sociais, desencadeiam-se processos de modificação e integração. É através da complexidade do processo de socialização que o indivíduo manifesta em si mesmo suas intenções e ações que possam ser operadas.

Nitidamente compreende-se que os processos de interação podem ser modificados de acordo com a ação conjunta da sociedade. O ator social consciente

de que, se suas intenções e ações foram transformadas, vê-se compelido a participar e cooperar ativamente das relações e instituições da sociedade. Esse sentido divergente entre a finalidade de intenção e a função efetiva verificada nas relações sociais faz parte do processo de socialização do indivíduo que incorpora às suas intenções as relações às quais deve se associar. Seja de vontade própria ou coercitivamente.

Seguindo essa análise, percebe-se a atuação dos indivíduos através de suas intenções, interações e cooperações, influenciando o desenvolvimento das circunstâncias e os contextos na sociedade e na história. É a realidade social-histórica que, através desses novos parâmetros, determinam as intenções e os ideais dos indivíduos que, orientados pela mesma sociedade, definem o mundo ideal. Os indivíduos considerados ativos elaboram então um mundo material a partir do que é oferecido, e se veem diante da perspectiva de adquirir vantagens e possibilidades objetivas, com a intenção de transformar a realidade social, de acordo com a determinação de seus interesses.

A partir do processo de divergência entre os interesses é verificado também diferenças entre percepções e concepções que surgem a partir das projeções especulativas. Elas, segundo Weber, são determinadas significativamente pela situação social em conjunto com os interesses dos indivíduos que regulamentam as ações sociais. É a ação humana colaborando com os processos objetivos da sociedade, independentemente das ações racionais ou irracionais de suas intenções. Em Max Weber (2012) encontramos:

Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com tantos significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por ação entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso (WEBER, 2012, p.3).

A definição do autor acima responde ao questionamento apresentado nesta dissertação. Somente a Sociologia possui a pretensão de compreender e interpretar as ações sociais. Ela explica o sentido subjetivo do comportamento humano, seja individualmente ou em relação a iguais. Nesse sentido, as pessoas orientam-se subjetivamente e cabe a elas definirem o que melhor lhes convém.

Adotar uma prática social numa sociedade marcada por uma cultura que tradicionalmente deixou de questionar o aumento relevante da população idosa representará uma contribuição significativa, visto que podemos afirmar que a velhice realmente tornou-se um problema social. Cabe ao Estado e a cada um de nós, como indivíduos participativos, adotarmos com benevolência essa questão abordada.

Naquele momento do pós-guerra italiano, a longevidade também era ignorada e a sociedade não se preocupava com as pessoas que apresentavam dificuldades financeiras, muito menos com as idosas. Dessa forma, sendo conceituadas as questões pertinentes à maneira como elas ainda são estigmatizadas, analisaremos o filme *Umberto D*, convictos de que a história do senhor Umberto Domenico acrescentará em nós uma vontade imensa de proporcionar a essas pessoas um pouco mais de respeito e dignidade.

Analisando o filme na nossa leitura foi importante trabalhar alguns aspectos teóricos para caracterizar a discussão de como a imagem dos idosos está sendo construída na sociedade e a importância de analisar um filme clássico e bastante associado à questão da aposentadoria e da velhice.

3. A Comovente Situação dos Idosos no Clássico Italiano

Realizar uma análise fílmica com um olhar sociológico tornou-se um delicado procedimento por se tratar de uma arte e de uma íntima relação que nos aproxima de um novo pensamento, ao invés de simplesmente estarmos contando histórias. O cinema nos ensina a compreender os estímulos diante de toda a sua realização singular, assim como abre uma janela para que possamos entender melhor a sociedade. Considerar o aspecto de constructo de um filme significa ter a capacidade de explicar o seu funcionamento e desempenhar uma particular investigação. A decomposição dos conceitos relativos à construção da imagem, à montagem, ao som e à estrutura do filme, assim como das relações que lhes são inerentes deverá ser feitas corretamente. Assim, desenvolverei a análise interna do filme *Umberto D*, que foi dirigido por Vittorio de Sica no ano de 1952. A trajetória de um senhor idoso e aposentado é a leitura principal apresentada neste longa-metragem. Os contextos políticos, sociais e as crises emocionais serão explicitamente apresentados, mas a história comovente do personagem principal, o senhor Umberto Domenico Ferrari, não nos privará de questionar sobre o preconceito e a imagem atribuída às pessoas mais velhas que sobrevivem em sociedades voltadas para o trabalho.

O cineasta Vittorio de Sica nos presenteou com excelentes produções do cinema neorrealista nos anos cinquenta. No clássico *Umberto D*, o ator Carlos Battisti atuou dando vida ao personagem principal, mesmo sem qualquer experiência na arte de atuar. Contracenou com as atrizes Maria Pia Casilio, Lina Gennari, Illeana Simova e também com o cão Flike. Esta produção cinematográfica neorrealista foi exibida no Festival de Cannes de 1952 e indicada ao Oscar em 1957 na indicação de melhor roteiro.

3.1. Trajetória neo-realista na Itália

Antes que inicie a descrição do filme, uma breve definição sobre a história do neo-realismo no cinema deve ser feita para uma melhor compreensão histórica. O livro “*O neo-realismo cinematográfico italiano*”, de Mariarosaria Fabris, apresenta uma vasta fonte bibliográfica necessária para os pesquisadores na área de Cinema. Além de apresentar textos na língua portuguesa, especifica a crítica italiana e apresenta a visão social neo-realista que substancia este trabalho. Segundo a autora, a Segunda Guerra Mundial representa a matriz do neo-realismo. A Itália dividida entre a proteção dos Aliados ao norte e o governo fascista de Mussolini que obtinha apoio dos alemães no centro e no sul do país, somente em abril de 1945 libertou-se da guerra.

Assim, este movimento surge num momento de ruína e miséria do pós-guerra italiano. A Itália passava por um período caótico tentando se recuperar dos anos de governo fascista. O anseio democrático que animava este país fez com que os homens de cultura registrassem a guerra e o espírito de coletividade daquele povo que acabara de se livrar dos horrores daqueles combates. Os cineastas neo-realistas mostravam em suas obras a sociedade como ela se apresentava, sem a necessidade de agradar o governo do país, numa tentativa de democratizar o artesanato do filme. Segundo Mariarosaria Fabris, “com a exibição de *Roma Città Aperta*, em setembro de 1945, o cinema passa a ocupar um papel de destaque na cultura italiana do após-guerra” (FABRIS, 1996, p.33). Eles produziam um retrato da verdade, contrastando com filmes anteriores que focalizavam questões moralistas e histórias que mostravam a realidade social de uma maneira ilusória. Moralmente abalada com as consequências da guerra, a Itália aos poucos idealizava o tão sonhado futuro democrático, como novamente observa Mariarosaria Fabris:

Para os homens de cultura impunha-se a necessidade de registrar o presente – e por presente entendia-se a guerra e a luta de libertação -, de fazer reviver o espírito de coletividade que havia animado o povo italiano. (FABRIS, 1996, p.37).

Era evidente que o público naquela época não se interessava em apreciar sua própria miséria nas telas, entretanto, com a evolução do cinema e recursos escassos, Vittorio de Sica e outros cineastas italianos souberam dar voz à grande parcela daquela população que passava necessidades diante da mudança econômica e social que assolava o país. Várias obras cinematográficas situaram o ideal democrático italiano, mas o filme *Umberto D* retrata significativamente esse novo momento daquela sociedade. Segundo Mariarosaria Fabris, no final da década de cinquenta, uma melhor condição social deu vida nova à Itália e, dessa forma, o cinema neo-realista foi perdendo prestígio dando origem às novas produções cinematográficas.

Entre outros cineastas, o diretor Vittorio de Sica e o roteirista Cesare Zavattini, são citados como representantes da arte cinematográfica neo-realista por reproduzirem aquele momento do pós-guerra. A Itália foi retratada a partir de 1945 sem que se possa afirmar o período da duração correta do período neo-realista italiano. “As opiniões são bastante díspares: para alguns a temporada do neo-realismo teve breve duração e encerrou-se em 1948; para outros, chegou até o limiar dos anos 60, sem excluir, no entanto, ‘ecos, prolongamentos e heranças” (FABRIS, 1996, p.115). Autores como Luigi Chiarini e Bruno Torri determinaram a duração do neo-realismo no período de 1945 a 1948. No entanto, Chiarini tentava subverter essa ideia, afirmando: “O seu declínio só pode ser temporâneo: de fato, seria demasiado grave se fosse de outra forma, uma vez que isso significaria para o nosso cinema renunciar a se inserir com sua grande força expressiva no movimento de renovação e progresso social” (FABRIS, 1996, p.151). Objetivamente podemos perceber a enorme influência que o cinema exerce na construção sociológica de uma Nação.

3.2. A importante contribuição de Pierre Sorlin

Deve-se também ressaltar que Pierre Sorlin, um grande historiador, em 1977 publicou seu livro de referência “*Scialogie du Cinéma*”, e através dele, utilizei suas técnicas para aprimorar minha análise sobre o filme *Umberto D.* Focalizando em sua crítica ao afirmar que o cinema revela mais coisas do que se pode ver, teremos que nos esforçar para compreender a especificidade da linguagem cinematográfica.

Segundo Pierre Sorlin (1977), a mistura de signos, cenas e movimentos dificultam a análise fílmica, mas é justamente essa complexidade que fomenta as análises de fundo sociológico que pretendo fazer. Considerando a semiótica como uma teoria geral das representações que considera os signos com suas formas e manifestações, entende-se que ela constrói a imagem e a linguagem que quisermos. E, através do texto e do roteiro cinematográfico, os signos devem ser percebidos e identificados dentro de sua simbologia. E isso é claramente explicitado no trecho a seguir:

O cinema coloca em ação um número considerável de elementos visuais e sonoros, mas é impossível batizar cada um desses elementos como um "sinal". Com efeito, um sinal é exclusivamente uma unidade (palavra, desenho, objeto) usada em lugar de outra unidade, para designar o último e permitir bloquear uma comunicação sobre ele. O sinal e a comunicação são inseparáveis: agora, a comunicação é interposta somente se houver uma intenção deliberada de expressar um estado de consciência, fazendo isso de tal maneira que essa expressão seja compreendida por outros. (SORLIN, 1977, p.44).

Como unidade básica de comunicação, podemos considerar o signo como qualquer elemento que a cultura considere relevante. E dessa forma, o autor nos explica como podem ser utilizados os códigos e os signos no cinema, assim como a relação entre sinal e comunicação.

É essencial que se compreenda que um filme é uma construção. Existe toda uma “magia” na forma de executar, produzir e realizar este objeto artístico. Na obra

Imagem, Tempo e Movimento, do sociólogo Mauro Luiz Rovai, encontramos a seguinte definição:

A preocupação de tomar um filme como execução, produção e realização, para poder perceber o que ele pode inventar, figurar e descobrir, é o cuidado fundamental que o pesquisador deve ter com o objeto artístico. Entretanto, esse procedimento demanda outros desdobramentos relativos à especificidade do cinema: por exemplo, o fato de não ser soma de imagem mais movimento, mas uma imagem-movimento, que, mais cedo ou mais tarde, assume um caráter de “revelador”, “reprodutor”, “registro”, da realidade, levando o espectador a estados que podem ser de identificação, projeção, evasão, etc. (ROVAI, 2005, p.65).

Realizei minhas análises utilizando uma versão restaurada de uma cópia do filme Umberto D em DVD. Seguindo o aprendizado de Pierre Sorlin, que nos diz que o importante é contar quem fez o filme, apresentar a equipe que o auxiliou na realização de seus objetivos e como é o filme, seguirei descrevendo-o, prestando atenção nos cortes, na construção dos personagens e nos movimentos das câmeras. Farei isso sempre tendo por base o aviso de Sorlin de que embora a História do Cinema seja já conhecida, não é por isso que uma Sociologia do cinema precise ser apenas um estudo dos gostos do público. Nas palavras do autor⁶,

La historia del cine, que goza da cabal salud, ve aparecer uma rival, ” (...) la sociologia. Muy menudo, la “sociologia del cine” no es más que uma historia reubatzada y salpicada de algunas consideraciones sobre los frenos económicos, los gustos del público y la influencia de la coyuntura política (SORLIN, 1985, p. 39).

⁶ A tradução foi feita a partir de uma versão em espanhol do livro do Sorlin.

3.3. O impacto das primeiras cenas

Munida de tais cuidados, irei agora ao *Umberto D.* O filme inicia ao som dos sinos que tocam, anunciando o começo do filme. A Dear Film abre a apresentação identificando o filme como sendo de Vittorio de Sica e, logo em seguida, o assunto e o script aparecem detalhados como sendo responsabilidade de Cesare Zavattini. Os nomes dos atores principais surgem em destaque: os já mencionados, Carlos Battisti, Maria Pia Casilio, Lina Gennari e Illeana Simova aparecem acompanhados dos colegas Elena Rea e Memmo Carotenuto. A equipe composta pelo supervisor e secretário de produção, diretor de cinema, assistente de diretor, engenheiro de som, operador de câmera, fotógrafo de cena e assistente de montagem também foi apresentada. Em seguida foram ressaltados os nomes dos colaboradores que responderam pela cenografia, fotografia, montagem, música e orquestra, direção de produção e produção. Apresentando como profundidade de campo o tráfego de carros que representa a diferenciação social existente, uma singela dedicatória surge na tela, identificando que o filme é dedicado ao pai do cineasta.

Como utilizo neste trabalho a análise de apenas um filme, citarei várias cenas, mas comentarei apenas algumas, em que os problemas sociais são apresentados. A cena inicial do filme é marcada pela aproximação de uma passeata composta por senhores idosos que, no meio do trânsito, na condição de aposentados, reivindicam com cartazes melhores condições e justiça. Entre eles, encontra-se o personagem principal Umberto Domenico Ferrari, que leva ele seu cãozinho Flike. Mesmo sendo abordados pela polícia, continuam protestando, exigindo uma audiência com o ministro. Os senhores são interpelados por um funcionário do governo que nega veementemente essa reunião. A partir daí as viaturas de polícia os dispersam pelas ruas, destratando-os. Indignados com a organização do protesto que não providenciou a permissão para que a manifestação fosse legalizada, dispersaram-se, exaustos. Revoltados, desabafavam uns com os outros sobre suas dívidas e necessidade de aumento em sua aposentadoria (dos 3':50" aos 4':52").

Essa cena introdutória de aproximadamente um minuto sugere a situação política e social que assolava a Itália, dado que se verificava um alto índice de

conflitos operários devido à contratação de mão de obra a baixo custo. Um breve relato histórico, com certeza, esclarecerá como muitos países, inclusive a Itália, reagiam diante do processo de desenvolvimento do capitalismo ao final da Segunda Guerra Mundial.

Os governos do período seguinte ao pós-guerra foram forçados a alcançar um grau maior de abertura econômica, seja pelo fato de haver exigências de blocos políticos aliados que requeriam tal abertura econômica, seja pelo fato de haver exigências de blocos políticos aliados que requeriam tal abertura, seja porque perceberam que o aumento da exportação se mostrava como a única saída para o renascimento da economia do país (DUAIBS, 2016, p.8).

3.4. O segundo grande conflito mundial

Após a Segunda Guerra, o mundo se encontrava polarizado nos blocos socialista e o capitalista. A URSS e os EUA viviam o contexto da “Guerra Fria” e mesmo assim a expansão capitalista se desenvolvia como um fenômeno mundial. O domínio capitalista se difundia e cobrava dos países em desenvolvimento a reprodução do capital de acordo com as regras do mercado mundial. Conseqüentemente, a era liberal, do livre mercado, foi gradativamente se modificando através das regulamentações do capitalismo monopolista, segundo as quais o Estado passou a intervir na economia e o mercado internacional difundiu a aceitação do dólar como moeda internacional.

A hegemonia norte americana foi intensificada através da penetração do capital americano nas economias dos países estrangeiros, principalmente naqueles que encontravam-se em desenvolvimento. Sendo assim, a grande preocupação dos EUA naquele momento era controlar possíveis revoluções que instigassem o crescimento do comunismo nos países em degradante situação social. O surgimento de organizações de esquerda certamente impediria suas metas de exploração dos mercados internacionais e das áreas de investimento, para que, em troca, fosse oferecida ajuda financeira e militar a qualquer nação que se encontrasse sob o jugo do comunismo internacional.

Diante da possibilidade da volta do comunismo, os EUA administraram o capitalismo, tentando evitar consequências para as classes sociais menos favorecidas. Surgiu, então, o Estado regulador que, instituindo a socialdemocracia, implementou o sistema de mão de obra com salários modestos visando o bem-estar social, porém, descartando qualquer possibilidade de reivindicações por parte da classe trabalhadora.

Especificamente, a situação social mostrada no filme *Umberto D* é localizada na Itália. A fragilidade socioeconômica em que se encontrava desde a Primeira Guerra Mundial levantava suspeita de que poderia ocorrer uma revolução comunista diante do descontentamento das classes sociais. Surgiu, então, em 1919 naquele país, o fascismo idealizado por Benito Mussolini, como um movimento revolucionário que seria uma alternativa ao capitalismo e ao comunismo. Nomeado Primeiro Ministro da Itália em 1922, Mussolini efetivou uma ditadura totalitarista que só foi extinta após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, com a derrota da Itália, Alemanha e Japão.

O fato de não mais priorizar as tradições agrícolas e se adaptar ao sistema capitalista industrial fez com que a Itália entre 1955 e 1963 obtivesse considerável crescimento econômico. Porém, para alcançar o desenvolvimento desejado, a Itália em ruínas teve que passar por um longo processo de crescimento que muito impactou a vida daquela população arruinada pelo desgosto da guerra. Convivendo com o desemprego e a inflação em alta, conseguiu anos mais tarde expandir sua produção e estabilizar sua moeda graças à ajuda norte-americana.

Se, para a grande massa de trabalhadores que representava o potencial capitalista tornava-se difícil conseguir uma colocação ou mesmo manter-se empregada diante da baixa oferta de oportunidades, vale aqui neste trabalho, explicitar como a leva de aposentados sobrevivia com sua aposentadoria precária. Também deverá ser considerada a necessidade de se obter outra colocação para poder suprir suas necessidades. Essa realidade foi encontrada nas cenas do filme *Umberto D* que mostram como a industrialização e o capitalismo afetaram as formas de produção e a vida em sociedade.

3.5. Dificuldades de um senhor aposentado

Na sequência do filme, apresentando-se a um senhor que também participara do protesto, Umberto comenta as suas necessidades e propõe a venda de seu relógio. Diante do desinteresse do homem que acabara de conhecer, segue cabisbaixo pela rua levando pela coleira seu animal de estimação. Encaminha-se a um restaurante popular onde pessoas humildes fazem sua refeição. Oferece o relógio aos que se encontram em sua mesa fazendo sua refeição, sendo outra vez ignorado. Depois de ceder seu prato de comida ao cão que se encontrava embaixo da mesa, é advertido por uma funcionária que esse ato não é permitido naquele estabelecimento público. Saindo do restaurante acompanhado por um conhecido, oferece o relógio e a pessoa barganha o valor do mesmo. Diante da necessidade, Umberto aceita a proposta recebendo o valor em notas amassadas e, só na sequência da cena é que se compreende que o comprador era um cidadão que pedia esmolas pelas ruas. Um bem que era tão precioso, conquistado como fruto do seu trabalho, acabara de ser vendido em troca da caridade alheia (dos 6':47" as 9':51").

O estranhamento diante da cena de protesto no início do filme protagonizada pelos aposentados evidencia que, por mais que estejamos acostumados a presenciar indivíduos que reivindicam seus direitos, temos sempre que testemunhar a sociedade fragmentada e a forma como o Estado costumeiramente ignora qualquer tipo de engajamento político. E, particularmente nesse momento histórico do pós-guerra, a repugnância com que esses manifestantes são tratados pelo contingente policial também causa espanto, porque comprova a inabilidade dessa instituição em lidar com cidadãos humildes, principalmente pessoas consideradas inaptas para exercer qualquer atividade profissional.

A situação precária do idoso que é obrigado a se desfazer do seu relógio de estimação, fruto de tantos anos de trabalho, assim como de outros bens adquiridos ao longo de sua vida produtiva, mostra não só a degradante situação financeira, como também a perda de seus valores morais. Possuindo dívidas e sem ter como custear o aluguel do seu quarto e de se alimentar, ele não encontra outra alternativa

que não seja a de se desfazer de todos os seus objetos de valor: livros, lençóis de linho, o elegante terno e seu sapato de cromo alemão.

As cenas de cobrança de aluguel em oposição ao desfrute da vida social protagonizada pela senhora, dona da pensão, evidenciam a gravidade da conjuntura social em que valores morais nada representam. O que aponta o filme na sequência, quando ao chegar à pensão onde mora surpreende-se ao entrar em seu quarto e encontrar um casal desconhecido descansando em sua cama, percebendo então o baixo nível daquele estabelecimento, no qual a proprietária aluga quartos para casais desfrutarem algumas horas de prazer. Questionando sobre o acontecido é repreendido pela dona da pensão com uma ameaça de um possível despejo caso não pague seus aluguéis atrasados. Na cozinha da pensão, Umberto desabafa com a funcionária chamada Maria e percebe-se uma relação de amizade entre eles. Tossindo muito e demonstrando encontrar-se doente, verifica preocupado a sua temperatura e constata sua enfermidade. Diante dos afazeres domésticos a empregada observa as péssimas instalações daquela cozinha onde uma colônia de formigas transita pelas rudes paredes e pelos azulejos trincados. Continuam a conversar e a moça conta-lhe sobre a sua gravidez (aos 15':07").

Com a saída do casal, o senhor retorna aos seus aposentos indignado com o ambiente, ainda impregnado daquelas pessoas estranhas que ali estiveram. A empregada entra e, dirigindo-se à janela, acena para um dos soldados que caminha pela rua. Observando uma discussão entre dois militares, pergunta à moça qual deles é o seu namorado, se surpreende ao ficar sabendo que ela se relacionou com ambos. Então lhe pergunta quem a engravidou, e ela, demonstrando não saber, afirma suspeitar que o rapaz de Nápoles seja o responsável por aquela desventura (aos 18':59").

A dona do estabelecimento bate em sua porta e cobra-lhe os aluguéis. Ao deitar-se para dormir percebe formigas em sua cama. Mais uma vez veem-se as péssimas condições dos cômodos daquele lugar. Verificando a enfermidade do velho amigo, a seu pedido, leva à senhoria o dinheiro referente à venda do relógio para que fosse garantida a permanência naquele quarto. Sem que fosse aceito o acordo, traz de volta o montante com a observação de que o senhor haveria de pagar todos os aluguéis atrasados ou teria que ir embora (aos 23':05").

Indignado com a ameaça de despejo, sai pela noite, decidido a vender alguns livros, com a esperança de conseguir mais dinheiro para amenizar suas dívidas. Conseguindo a terça parte do seu compromisso tenta negociar sua permanência, mas novamente sua proposta é recusada (aos 26':21").

Deitado febril em sua cama percebe Maria adentrar, ir à janela e acenar para um dos rapazes. Atordoado com o som da ópera que era cantada na sala dos fundos, o pobre senhor exausto finalmente consegue dormir. Ao amanhecer, telefona para que o hospital pedindo que uma ambulância venha buscá-lo. Maria acorda atordoada com sua inesperada gravidez, chora enquanto prepara os afazeres domésticos. Chegam os enfermeiros e o senhor é levado, deixando a recomendação de que ela cuide de seu cãozinho durante o período de sua ausência (dos 31':44" aos 39':56").

O pobre senhor fica internado e assim que cessa seu estado febril, os médicos recomendam sua alta hospitalar. Desolado, conversa com o colega do leito ao lado sobre a necessidade de sua permanência por mais alguns dias para que consiga economizar algum dinheiro. Sendo compreendido pelo companheiro, é recomendado a pedir ajuda à freira que cuida deles. Recebe a visita de sua amiga e da janela consegue avistar Flike. Preocupado com a situação da moça pergunta-lhe se o soldado que a acompanha é o pai da criança que ela espera. Mas Maria ainda não sabe dizer ao certo qual dos dois rapazes é o responsável por aquela circunstância inesperada (aos 46':50").

São servidas as refeições em meio a orações e, revoltado com a notícia de que vai ter que entregar o quarto, o idoso desabafa indignado com seu companheiro de enfermagem. Ambos recebem alta e se despedem prometendo reencontrar-se. Ao chegar à pensão, Umberto a encontra em obras. Depara em seu quarto um homem trabalhando e retirando os papéis de parede. Atordoado, procura por sua amiga e seu cão, mas não os encontra. (dos 47':42" aos 50':15").

3.6. Cenas de suspense e o emocionante final

Sai pelas ruas desesperado e localiza a moça triste conversando com um dos rapazes. Pergunta-lhe por Flike e ela lhe diz não saber do seu paradeiro. Entra em um carro de aluguel e dirige-se ao canil da cidade à procura de seu companheiro. O idoso presencia o sofrimento dos cachorros que são capturados pelas ruas. Os que não são resgatados pelos seus donos acabam sendo sacrificados em virtude das leis sanitárias. Depois de muito sofrimento e procura, encontra seu cachorro chegando a uma das miseráveis carrocinhas de cães. A cena do alívio e afago de ambos nesse reencontro é emocionante (aos 56':09")!

Seguem felizes pelas ruas quando cruzam com a dona da pensão onde moram. Discutem e é avisado de que não mais poderá residir naquele local. Peregrinando sem destino, percebe como as pessoas pedem esmola. Encontra um velho conhecido que o cumprimenta, conversam rapidamente e seu desabafo e pedido de ajuda são ignorados. Caminhando pela cidade imagina como poderia também pedir esmolas, mas a sua integridade o impede de fazê-lo. Decepciona-se ao rever outro conhecido e por este também ser ignorado (dos 57':26" aos 1:04':13").

Retorna à pensão e encontra seu quarto completamente destruído. Inconsolado com a situação escuta o barulho do bonde que passa, olha para os trilhos como se fossem a solução para os seus problemas. Olha tristemente para Flike e o acaricia, planejando algo insano enquanto coloca alguns pertences em uma mala. Sem conseguir dormir, vê o amanhecer. Coloca a coleira em Flike e decide partir. Maria acorda com o barulho da porta e chega a tempo de encontrar o senhor partindo. Com tristeza no olhar despedem-se e ele a aconselha a se livrar do rapaz de Florença (dos 1:12':20" aos 1:14':20").

No silêncio do início da manhã entram em um ônibus e, olhando pela janela, avistam Maria pela última vez (aos 1:16':35").

O senhor Umberto dirige-se a uma casa que cuida de cachorros com a intenção de ali deixar Flike. Oferece todo o dinheiro que possui e seus pertences para os cuidadores de cães. Percebendo as péssimas condições do lugar e um cão

feroz, decide ir embora sem deixar seu companheiro naquele horrível lugar (aos 1:20':00").

Sem rumo, dirigem-se a um parque repleto de crianças que brincam alegremente. Tenta doar seu amigo a qualquer pessoa, mas não consegue. Num momento em que Flike corre para brincar, ele se afasta e dirige-se na direção da linha de trem. Esconde-se para que o cãozinho não o veja, mas este logo o encontra. Calorosamente acaricia-o, pega-o no colo e decide finalizar todo o sofrimento dando cabo a suas vidas. O trem se aproxima e Flike pressentindo a morte, foge do seu colo evitando que o desesperado homem se atirasse na direção do trem. Flike foge assustado ignorando seu dono. Umberto arrependido daquele ato insano começa a cativá-lo com brincadeiras e, para sua alegria, seu cãozinho volta-se para ele como o fiel amigo que sempre foi. O filme termina com a cena dos dois correndo e brincando felizes pelo parque (aos 1:29':07").

3.7. O exercício da decupagem

Iniciei o processo de decupagem do filme a partir do primeiro plano com a cena dos sinos que tocam (0:00':26"). Logo em seguida, a trilha sonora melodiosamente envolveu a cena do protesto. Observei o enquadramento onde uma sequência de planos médio, americano e geral são alternados com alguns close-ups dos participantes da passeata (0:02':42"). Os participantes do protesto aparecem conversando, sendo mostrados num plano americano onde são vistos da cintura para cima (0:04':52"). Um plano-sequência é verificado (0:06':48") e o apito da fábrica indica que é hora do almoço dos operários. O plano geral mostra o interior amplo do restaurante (aos 0:08':55"). Seguem as tomadas de cena em que muitos cortes são verificados e o close-up das formigas foi muito significativo (00:13':18").

O som da música diegética é apresentada pelos personagens que a interpretam (0:26':00" e aos 0:27':29") nas cenas de aula de canto. Nas cenas do hospital, os sinos voltam a tocar (0:40':15"). E depois de um plano-sequência, uma música vibrante toca quando Umberto recupera seu cão no canil (0:55':55"). Outra música é tocada (aos 1:00':45"), mas dessa vez melancólica, quando o senhor resolve tentar pedir esmolas. A música triste volta a tocar (1:09':05") e (aos 1:09':25")

torna-se uma música de suspense quando ele olha pela janela os trilhos do bonde e reflete sobre a sua vida. Ao longo do filme verifiquei enquadramentos, a alternância de planos e as diversas posições de câmera que proporcionaram a organização da montagem fílmica, sempre ao som da música triste (até 1:14':20"). A partir destas tomadas de cena a câmera baixa começou a ser empregada em alternância com o travelling (dos 1:15':23" aos 1:16':35"). Constatei no final do filme, o revezamento dos planos- sequência junto com a profundidade de campo, o suspense envolvente da música até o momento da tentativa de suicídio e o som do apito do trem juntamente com o granido do cãozinho assustado. Finalmente, as tomadas de plano-sequência envolveram a minha atenção, até que a palavra "fine" me mostrou quão interessante foi decupar esse filme (1:29':07").

3.8. Descrição das cenas mais importantes

O estranhamento diante da cena de protesto no início do filme protagonizada pelos aposentados evidencia que, por mais que estejamos acostumados a presenciar indivíduos reivindicando seus direitos, temos sempre que testemunhar a sociedade fragmentada e a forma como o Estado costumeiramente ignora qualquer tipo de engajamento político. E particularmente nesse momento histórico do pós-guerra, a repugnância com que esses manifestantes são tratados pelo contingente policial também causa espanto porque comprova a inabilidade dessa instituição para lidar com cidadãos humildes, principalmente com pessoas que são consideradas inaptas para exercer qualquer atividade profissional.

Pode-se verificar a humilde situação do idoso que o obriga a se desfazer de um bem adquirido com o fruto do seu trabalho, em troca da caridade de outro senhor. Percebe-se também a gravidade da conjuntura social, quando no mesmo instante em que efetua a compra do relógio, este homem vira o chapéu e começa a pedir esmolas.

A problemática social é outra vez configurada quando em determinadas cenas a proprietária da pensão aparece mesquinamente cobrando os aluguéis atrasados

e, em outras, a mesma aparece reunindo-se socialmente com amigos desfrutando cultura e glamour. Essa dicotomia representa a discrepância dos mais abastados que se aproveitam da dificuldade alheia para melhor se impor diante da sociedade.

Foi gratificante ver como o laço de amizade entre o senhor e a funcionária é sutilmente externado através da compaixão do idoso ao lhe oferecer conselhos e aulas, para que a moça adquira melhores condições.

Outra cena que gostaria de destacar pelo impacto visual que provoca é a cena das formigas que surgem na cozinha e no quarto a partir dos “15:07”. Uma infestação de formigas em alguns cômodos da pensão: nos azulejos da cozinha onde são preparados os alimentos e na cama do quarto do senhor idoso. O estranhamento sentido ao verificar essas cenas é substituído pela noção de natureza que ali se manifesta quando os insetos não são devidamente controlados em qualquer ambiente social. A infestação delas remete-nos a lembrar da passeata de homens mostrada no início do filme. Famintas (os), em carreira, procurando um caminho para sobreviver. Por mais repugnante que a infestação seja, talvez ela represente a natureza que ali se manifesta através de formigas que aparecem indevidamente quando não são controladas em qualquer ambiente social.

Aproveitar um pequeno problema de saúde para internar-se em uma casa de saúde e com esse tempo de estadia economizar uns poucos trocados, nos mostra novamente o ser social fragmentado num mundo bem diferente daquele idealizado.

Cito agora as cenas constrangedoras do canil. A figura do poder público é representada pelo funcionário do abrigo que segrega coercitivamente a condição dos menos favorecidos que não conseguem resgatar seu animal de estimação. A vida dos animais vale uma quantia em dinheiro que é dada em troca do seu extermínio. Esse tipo de lugar lembrou um campo de concentração, locais utilizados durante a guerra para o extermínio de milhões de seres humanos.

O sofrimento e a angústia afloram nos movimentos das mãos, da cabeça e no olhar do protagonista. Este recurso de linguagem transparece sutilmente sem que a fala em certos momentos precise ser utilizada. O virar de mão para não perder a dignidade ao tentar pedir esmola, a humilhação por ser ignorado pelo colega, a carícia feita em seu animalzinho de estimação e o olhar de despedida são

momentos sublimes do filme. As atitudes de resignação apresentadas certamente deixam o espectador embevecido com a arte do diretor que consegue transmitir mensagens que as cenas não conseguem mostrar.

E para concluir a descrição do filme, a cena em que o senhor Umberto decide solucionar seus problemas drasticamente carregando Flike no colo e a reação do animal ao pressentir a morte nos mostra o mais importante: que a necessidade de sobrevivência e o espírito de companheirismo que os une novamente fazem com que esqueçamos nesse momento a humanidade que a sociedade tira de nós no dia após dia. Somente quebrando as barreiras desse sistema que nós mesmos criamos, as pessoas e, principalmente, as mais velhas poderão reencontrar o propósito de viver. O final do filme nos coloca em contato com a realidade e a partir daí, cabe a nós interpretarmos a mensagem do filme.

A série de observações encontradas a partir do visionamento do filme Umberto D servem de base para que várias reflexões sejam feitas sobre a vida das pessoas aposentadas e afastadas do mundo do trabalho. O propósito da pesquisa não será resolver os problemas oriundos da luta pela superação desses atores sociais. Apesar de termos consciência de que os idosos sofrem com a perda de suas funções biológicas, acarretando dependência física e emocional, a proposta é tentar compreender por meio de uma leitura criteriosa e orientada por um método científico o modo como as imagens a respeito da velhice são baseadas em preconceitos.

4. Considerações finais: A Arte do Cinema e sua Contribuição

Assimilar a linguagem estética do cinema e absorver sua leitura, com as múltiplas possibilidades de expressões que transmitem uma melhor compreensão sobre o drama e a poesia da vida, consolidou-se a definição desta análise. O discurso cinematográfico reflete um tipo de subjetividade que educa e influencia as pessoas que se utilizam de suas manifestações artísticas e culturais. Nesse sentido, valorizar o cinema e a contribuição de diretores e produtores que transformam os questionamentos do dia a dia em arte foi a forma encontrada para agradecer a sua imensa colaboração.

A linguagem ilusória e o drama exposto no filme *Umberto D* transmitiu um grau de comoção condizente com a mensagem argumentativa da obra. Por isso, relativizar as questões envolvidas e compreender o significado atribuído faz parte da nossa percepção como espectadores. E neste caso, a ideologia que marcou o poderio da classe dominante foi o fator determinante no desenvolvimento desta análise sociológica.

O filme também transmitiu a falta de humanitarismo em muitos momentos emocionantes. As cenas finais, nas quais o senhor Umberto resolve solucionar seus problemas drasticamente, marcaram a falta de humanidade que este senhor recebeu naquele momento de sua vida. Esvaíram-se todos os seus sonhos e propósitos de vida. Não possuiu forças para lutar contra as opressões e a realidade não lhe apresentou alguma alternativa de sobrevivência. Viu-se diante das barreiras intransponíveis, as quais, sem o apoio de que tanto necessitava, culminaram naquela solução drástica.

A apreensão sentida nessas cenas fez com que pudéssemos refletir sobre a falta de beneficência que a sociedade constrói. O alívio ao constatar o reflexo de sobrevivência do animal de estimação nos remete a outro tipo de consideração. Se, até mesmo um animal irracional demonstra afetividade durante a vida e consegue pressentir a morte, nós, racionalmente, temos de nos tornar mais humanos para que possamos, quem sabe, semeando amor e respeito ter um final de vida mais digno.

A complexidade das questões sociológicas que envolvem os idosos continuará a ser tema recorrente diante do envolvimento participativo dessas pessoas na sociedade. Não apenas pela insignificância com que costumeiramente essa matéria costuma ser tratada, mas pela necessidade de que nós, meros coadjuvantes, devemos contribuir para um desfecho feliz principalmente quando nos tornarmos os atores principais da nossa história.

Foi atribuída à sociedade a responsabilidade de se interessar apenas com o que se encontra de acordo com os seus vãos interesses. É uma realidade que vai além dos seus ideais, sendo eles condizentes ou não. A busca por um interesse maior, em que os anseios dos indivíduos sejam significativamente considerados, há muito tempo não perfaz a caracterização das sociedades em geral. Nesse sentido, concluímos que o problema é a falta de interesse e a inoperância de práticas sociais que viabilizariam a descontinuidade desse conceito universal.

Temos certeza de que se o Estado como um todo lançasse um olhar significativo para as pessoas idosas, a justiça e solidariedade deixariam de ser utopia. Também consideramos as conquistas até então alcançadas em forma de leis como um avanço, porém, muito mais poderá ser feito para que esse contingente social que, como contribuintes crescem ano a ano, consiga sobreviver. A solidariedade e a justiça social como direitos básicos de uma sociedade deixam muito a desejar. Elas representam apenas metas que continuarão privilegiando somente os mais favorecidos.

Os estudos relacionados ao poder exercido pelos Estados contribuíram para o enriquecimento dos conhecimentos adquiridos nesta academia. A possibilidade de irmos contra suas práticas discriminatórias e transformarmos nossos questionamentos em saberes construirá uma infraestrutura adequada que comporte adequadamente a considerável população idosa. Pois, a noção de que o idoso é inabilitado para exercer qualquer tipo de função social que vise suprir necessidades inerentes a sua sobrevivência é um desafio que deve ser questionado por todos nós.

Cobrar do Estado providências necessárias para que os indivíduos idosos possam sobreviver com dignidade é um exercício de cidadania tão importante quanto tantos outros estabelecidos por lei. Faz parte dos direitos sociais, como já foi

assinalado. Só que a questão dos idosos não deve mais ser pensada como um plano de governo que paulatinamente contorna certas atribuições. A urgência nesse caso se faz presente; as pessoas idosas não terão o tempo necessário de vida para aguardar resoluções indispensáveis à sua sobrevivência.

É uma questão de humanidade. Relativizar a dignidade e a esperança de vida para essas pessoas é uma questão crucial. A sociedade deve priorizar um melhor acolhimento para as pessoas idosas que não possuem algum vínculo familiar e mesmo as que possuem e que são ignoradas. Ela também deveria valorizar as experiências e a sabedoria que os idosos acumularam por toda vida. O fato de terem dedicado grande parte de sua existência na carreira profissional, reverbera um leque de possibilidades de aproveitamento em atividades remuneradas e até mesmo voluntárias.

Este ator social, multiplicador das experiências que foram adquiridas ao longo de sua vivência, possui condições para ser admitido no trabalho formal ou informal, de acordo com seu conhecimento e suas habilidades. A diversificação de seus aprendizados pode ser distribuída em vários setores empregatícios, pois a necessidade da complementação salarial é um fato, visto que a aposentadoria não garante um plano de saúde condizente, muito menos perpetua sua sobrevivência.

A garantia de oportunidades daria aos idosos a possibilidade de conservar o seu potencial produtivo, sua independência e dignidade. Conseqüentemente, sendo-lhes permitido o acesso às instituições que atribuem conhecimentos culturais, educacionais e recreativos, seu moral elevado transmitiria uma estabilidade emocional que influenciaria favoravelmente sua saúde.

É uma questão de consciência garantir uma vida saudável e segura para todos os cidadãos, principalmente para os mais velhos. Respeitar os limites dessa classe desprivilegiada representa uma quebra de barreiras considerável!

A solidão e o desamparo apresentados pelo protagonista do filme *Umberto D*, significativamente motivou esta argumentação. Este clássico envolveu de tal forma que, através de sua arte, absorvemos as múltiplas possibilidades de compreender as realidades que são apresentadas. Posto que a vida além de ser uma dádiva é

uma escolha, ou damos a ela o significado de um drama, ou a transformamos numa história com um final feliz.

5. Bibliografia

CAMARANO, Ana Amélia. Muito além dos 60. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

DUAIBS, Raquel. Artigo: A economia italiana e o desenvolvimento dos distritos industriais. Revista de Ciências Sociais. UFES.

FABRIS, Mariarosaria. O Neo-realismo Cinematográfico. São Paulo: Fapesp, 1996.

LOPES, Andrea. Os desafios da gerontologia no Brasil. Brasília: Editora UnB, 2015.

NERI, Anita Liberasso. Velhice Bem-Sucedida. Campinas: Papyrus, 2004.

ROVAI, Mauro Luiz. Imagem, Tempo e Movimento. São Paulo: Fapesp, 2005.

SORLIN, Pierre. Sociología del Cine. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 2012.

WHITAKER, Dulce. C. Andreatta. Envelhecimento e Poder. Campinas: Editora Alínea, 2007.

5.1. Bibliografia Digital

BUARQUE, Daniel. “Envelhecimento da população mundial preocupa pesquisadores” in G1, 29/10/2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/envelhecimento-da-populacao-mundial-preocupa-pesquisadores.html>>

Estatuto do Idoso. Brasília, 1/10/2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/L10.741.htm>

Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA/ONU. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unfa>>

5.2. Filmografia

Umberto D.

Direção: Vittorio De Sica.

Roteiro: Cesare Zavattini.

Com: Carlo Battisti, Maria Pia Casilio, Linna Gennari, Ileana Simova, Elena Rea e Memmo Carotenuto.

Italia: 1952. Produção: Rizzoli Film.

Produzione Films Vittorio De Sica.

Distribuição: Dear Film.

Música: Alessandro Cicognini.

DVD (1h 29min), drama, sonoro, legendado, preto e branco. Italiano/Português.